



Etiologia da gastroenterite aguda infantil em Portugal

Jorge Amil Dias

A presente edição da Acta Pediátrica Portuguesa inclui dois artigos correspondentes a investigações paralelas e independentes sobre a etiologia da gastroenterite aguda infantil em duas regiões do país. Há diferenças nos métodos usados e na pesquisa de alguns agentes parasitológicos de responsabilidade duvidosa nos casos de gastroenterite aguda, mas os resultados têm perfis semelhantes. Em ambos os estudos se revela predomínio de agente vírico, ainda com prevalência de *rotavirus* mas com frequência crescente de *norovirus*. Estes resultados não surpreendem; como os autores salientam, seguem a tendência que se tem verificado noutros estudos internacionais. A introdução da vacina contra *rotavirus* fez diminuir a sua prevalência e o número absoluto de episódios de gastroenterite aguda infantil, mas começam a emergir outros agentes víricos, como *norovirus*. Os autores dos estudos apresentam explicações aparentemente contraditórias relativamente a estes casos (pequenos surtos por contágio ou casos esporádicos?). Certamente a interpretação dos resultados encontrados em cada um dos estudos decorre do número relativamente pequeno dessas infeções. Ambos os trabalhos concordam na elevada prevalência de vômitos nesta infeção. O conhecimento da dimensão da sua epidemiologia ajudará certamente a analisar a utilidade e impacto da futura vacina anti-norovirus, atualmente em investigação.

Convém ter presente a limitação epidemiológica destes dois trabalhos: ambos são realizados no âmbito de serviços de urgência hospitalar. É tentador concluir que os doentes investigados corresponderiam aos casos mais severos após tratamento inicial no médico de família ou pediatra assistente, mas o padrão irregular do recurso à urgência hospitalar pela nossa população não permite tirar conclusões fiáveis e os autores não mencionam se houve cuidados pré-hospitalares.

Outro aspeto de real importância na leitura dos resultados, é que estes trabalhos visam o conhecimento de novas tendências epidemiológicas da diarreia aguda mas, como os autores mencionam, não se recomenda que a pesquisa de agente etiológico seja feita sistematicamente. Mesmo nos casos de diarreia aparentemente provocadas pelos vírus agora emergentes como o *norovirus*, a clínica, indicações terapêuticas e resposta geral não são substancialmente diferentes. Por esses motivos o pedido de exames complementares deve corresponder sempre a uma dualidade de decisões terapêuticas em que o resultado ajuda a enveredar por um ou por outra. Tal não é o caso na generalidade das gastroenterites agudas pelo que a identificação bacteriológica ou virológica é geralmente inútil de resultados tardios e sem influência significativa nas opções terapêuticas. Como tal, a identificação bacteriológica ou vírica em cada caso clínico isoladamente, deve ser reservado para as situações de evolução mais complexa ou arrastada, ou em casos de absoluta necessidade de conhecer os agentes em casos de evolução agressiva, e falta de resposta, por motivos epidemiológicos, de saúde pública ou até legais.

A leitura destes trabalhos parece de grande interesse por ajudarem a compreender a tendência de evolução atual da epidemiologia da gastroenterite aguda.

Correspondência:

Jorge Amil Dias
Editor associado da Acta Pediátrica Portuguesa
jamildias@zonmail.pt